



ADE, VIDA NA FACE DA TERRA E CORONAVÍRUS

Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*)

Ubirajara Moreira Fernandes (*Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*)

Há males que vêm para o bem
(dito popular)

Abstract: In this article we intend to discuss the impact of corona vírus on life on earth by using the theoretical basis of Ecosystemic Discourse Analysis (EDA). We will see that the impact of the vírus has been highly harmful to the life of humans, not only biologically but also sociologically. The presence of the vírus forced humans to stay at home, stopping most activities, what caused several losses and damages such as unemployment as well as famine. However, it forced us to stay at home most of the time together with close relatives (children, husband, wife etc.). If forced us to get in touch (in communion) at a distance. In non-human nature the virus' impact has been mostly positive, giving way to a reduction of pollution of earth, waters, and air. That is to say, the vírus caused a tremendous upheaval in human life.

Key-words: Corona vírus; Ecosystemic Discourse Analysis; psycosocial impact; psychophysical impact.

Resumo: Neste artigo discutimos o impacto do coronavírus na vida na face da terra, usando como base teórica a Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE). Veremos que o impacto do vírus foi altamente nocivo à vida dos humanos, tanto biológica quanto sociologicamente. A presença dele obrigou os humanos a ficarem em casa, paralisando a maior parte das atividades, o que causou inúmeros prejuízos financeiros, desempregos e até fome. Mas, obrigou-os também a ficarem mais em casa com os parentes próximos. Levou-os a entrarem em comunhão à distância. Na natureza não humana, o impacto foi altamente positivo, aliviando a poluição da terra, das águas e do ar. Enfim, o coronavírus provocou uma reviravolta completa na vida dos humanos.

Palavras-chave: Coronavírus; Análise do Discurso Ecosistêmica; impacto psicossocial; impacto psicofísico.

1. Introdução

O dito popular da epígrafe já enuncia algo do que pretendemos fazer neste artigo. Nosso objetivo é mostrar que a Análise do Discurso Ecológica (ADE) é um arcabouço teórico bastante apropriado para se discutir o que a pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2, covid-19) provocou nos humanos, no mundo e em sua relação com ele. Como se pode ver em todas as publicações sobre a disciplina, a exemplo de Silva (2020 e *este número*), o busílis na análise de qualquer texto-discurso é a vida, com tudo que ela implica. Pois bem, com o arcabouço teórico-metodológico da ADE pretendemos mostrar o fato de que, a despeito de o vírus ter feito (e ainda está fazendo) um grande estrago na sociedade, da perspectiva da vida na face da terra em geral há um lado positivo, uma vez que ele nos fez rever várias atitudes. No meio ambiente físico-natural houve vários reflexos positivos. Por exemplo a terra, o ar e as águas estão com menos poluição. Talvez os reflexos positivos tenham sido menores no meio ambiente mental.

Usando uma terminologia proposta por Alwin Fill, veremos que o coronavírus teve um impacto bastante significativo em nossa relação com o entorno. Esse entorno compreende o meio ambiente social e o natural com, é claro, consequências no meio ambiente mental. No presente contexto, é melhor falar em ‘meio ambiente físico-natural’, pois além do ‘meio ambiente natural’ propriamente dito, existe também o ‘meio ambiente construído’.

Aqui não vamos falar do “problema Bolsonaro”. Basta! O primeiro autor já está cansado de comentar e criticar os desatinos do desvairado presidente. Que a Polícia e o Código Penal cuidem dele. A ADE procura abordar questões de conflito e/ou desagradáveis à la Gandhi (PRIVAT, 1958) e seguindo os princípios da Ecologia Profunda e do Taoísmo. Em todas essas fontes se tenta resolver os conflitos sem autoritarismos, sem violência, encarando a questão holisticamente. Afinal, ninguém é inteiramente bom nem inteiramente mau. Hitler, por exemplo, deve ter tido momentos de ternura com crianças e com a esposa. Muita gente tida como boa por aí pode ter tido momentos de raiva, em que fez coisas de que depois se arrependeu. Por exemplo, João de Deus, de Abadiânia (GO), pretensamente curou muita gente de várias partes do globo, no entanto, era um abusador de mulheres fragilizadas e indefesas em sua sala particular na Casa Dom Inácio. Como disse Jesus, “Quem nunca pecou atire a primeira pedra”. Porém, há casos de pessoas de comportamento imaculado como Jesus, São Francisco de Assis, Mahatma Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Chico Xavier e Irmã Dulce (agora Santa Dulce dos Pobres), entre outros: não se conhece nenhum ato em desdouro deles, que deslustre sua vida de luta pelo bem das pessoas. Se algum deles fugiu dessa conduta em algum momento foi devido a uma espécie de fúria santa, como no caso da expulsão dos vendilhões do templo por Jesus.

2. A irrupção e disseminação do coronavírus

Há a suposição de que a covid-19 teria surgido por volta de dezembro de 2019, de animais vivos vendidos em um mercado da cidade de Wuhan (China). Porém, não se sabe ao certo quem foi a primeira pessoa infectada. Quanto ao Brasil, o que se sabe é que no dia 25 de fevereiro de 2020 um empresário de 61 anos que retornava do norte da Itália foi o primeiro diagnosticado (no Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo), mas é provável que já houvesse outras pessoas infectadas antes disso, tanto na China quanto no Brasil e em outras partes do mundo. Em meados

ECO-REBEL

de março de 2020 registraram-se os primeiros casos de transmissão comunitária no Rio de Janeiro e em São Paulo. Com a finalidade de aquilatar a gravidade do impacto do vírus e situar melhor o contexto da discussão, vejamos a evolução dos casos de infectados e de mortos ao longo do ano de 2020 e início de 2021, tomando apenas alguns meses de pico e parando no começo de janeiro de 2021. Como a Ministério da Saúde do Presidente Bolsonaro começou a maquiar (em junho de 2020) os dados, omitindo alguns deles para dar a ideia de que o vírus não é tão letal como a imprensa “inimiga” dizia, um consórcio de órgãos da imprensa se formou para publicar todos os dados fornecidos pelas secretarias de saúde estaduais, como se vê no quadro a seguir. Nota-se que a cada mês o número de infectados aumenta de um milhão e do de mortos de 15 mil a 57 mil. Nota-se também que em setembro o número de mortos chegou ao nível mais baixo, mas a partir de novembro começou a subir de novo, tendo chegado a um pico em janeiro, devido às aglomerações das festas de fim de ano. Só em Manaus (AM), já havia 219.544 infectados e 5.879 mortos (em 12/01/2021) e o sistema hospitalar já estava entrando em colapso.

Data	16/03	01/06	27/07	29/08	16/09	06/11/	07/01/2021
Infectados	234	526.447	2.423.798	3.819.077	4.421.686	5.617.844	7.930.943
Óbitos	----	29.937	87.131	120.025	134.174	161.871	200.163

Número de infectados e mortos ao longo do ano de 2020 e início d 2021

Fonte: Consórcio formado por *Estadão, G1, O Globo, Extra, Folha e UOL*

O linguista responsável pela decolagem da Ecolinguística como disciplina acadêmica, Alwin Fill, publicou um livro sobre a importância da língua para a espécie humana (FILL, 2010), cujo título é *The language impact (O impacto da língua)*. Já nas primeiras páginas, o autor usa a expressão “Impact Linguistics” (linguística do impacto) para designar o estudo linguístico da questão. De acordo com ele, “a fala na verdade não se chocou contra nosso planeta como um meteorito. Ela se desenvolveu por um processo evolucionário em uma das milhões de espécies durante um período de mais de alguns milhões de anos. Porém, seu impacto pode ser comparado com o de um meteorito” (p. 7) diante do salto qualitativo que a linguagem significou na evolução que levou ao *homo sapiens*. Para o bem ou para o mal, talvez mais para o mal do que para o bem, o domínio da linguagem permitiu aos humanos se considerarem os “reis da criação”, com poderes para dominar todos os demais e a natureza inorgânica.

Em Fill (2020) o autor fala de um outro impacto, o da pandemia do coronavírus na criação de novas palavras, dando lugar a uma espécie de novilíngua (*newspeak*), lembrando o livro *1984* de George Orwell, que Fill chama também de coronalinguagem. Nós vamos levar um pouco adiante a metáfora de Alwin Fill e falar do impacto do vírus na sociedade e no mundo em geral. Veremos que na sociedade houve, e está havendo, impactos negativos e positivos. No meio ambiente físico – no natural propriamente dito e no construído – aparentemente só houve impactos positivos. Isso porque ele nos obrigou a recuar um pouco em nossa exploração abusiva do meio ambiente físico, o que mostra que o maior inimigo da natureza viva são os humanos.

3. Impactos do coronavírus

Desde março de 2020, cerca de 90% dos noticiários de televisão são dedicados a comentar o impacto do vírus na sociedade e no mundo em geral. Isso já dá uma ideia da intensidade desse impacto, não só na sociedade, mas também na natureza. Como os humanos não apresentam apenas a dimensão social e a natural, há impacto também na dimensão psicológica, mental, seguindo os três conceitos da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológica. Mais, como já antecipado acima, faz-se necessário cindir o meio ambiente físico em ‘meio ambiente físico-natural’, tradicionalmente chamado apenas de “meio ambiente natural da língua”, em meio ambiente natural propriamente dito e meio ambiente construído.

Para retomar as palavras de Alwin Fill, o coronavírus teve, e ainda está tendo, um impacto enorme na sociedade e na natureza. A ponto de à novilíngua já mencionada, sua coronalinguagem. O objetivo da novilíngua orwelliana era dominar pelo uso de palavras adrede escolhidas, ou seja, o significado das palavras era aquele que o Grande Irmão (*Big Brother*) desejava no momento. Em outros momentos, o significado podia mudar, dependendo dos interesses dele. Havia o “crime de pensamento”; conforme as conveniências do Grande Irmão, 2+2 poderia ser igual a 5 e assim por diante. A coronalinguagem não tem objetivos tão manipuladores assim. O impacto que ela representa se mostra no uso de uma grande quantidade de termos novos cuja introdução foi provocada pela presença do coronavírus. Enfim, essa coronalinguagem constaria apenas de neologismos e empréstimos para se falar do coronavírus.

Além de expressões como *SARS-CoV-2*, *coronavírus* e *covid-19*, palavras como *pandemia*, *comorbidade*, *respirador*, *aglomeração*, *confinamento*, *quarentena*, *distanciamento social*, *máscara* e muitas outras passaram a ser de uso comum. Entre os neologismos comentados por Fill (2020), incluem-se: *home-office* e *home work*. Alguns termos dessa linguagem vieram da linguagem corrente, mas passaram a ser usados com mais intensidade, como é o caso de *isolamento social*, *aglomeração*, *crescimento exponencial*, *imunidade*, *teorias da conspiração*. O autor lembrou que os termos “negativo” e “positivo” passaram a ter os significados trocados. Assim, *ser testado positivo* passou a ser algo negativo (ruim) e *ser testado negativo* passou a ser uma situação positiva (boa). Como disse o autor, na coronalinguagem, positivo é negativo e negativo é positivo, lembrando a novilíngua de Orwell. Fill mostra também que a criatividade dos falantes se mostrou em termos como *covidiota* e *covidão*, este último para presumível operação da Polícia Federal durante a pandemia de que a deputada bolsonarista Carla Zambelli tinha informação privilegiada. O autor lembra a frase “nada será como era antes” fechando o artigo com o seguinte parágrafo: “Espera-se que a coronalinguagem não persista por muito tempo, mas que ela seja algo que será visto como histórico, de que muita gente se lembrará, mas de que não precisará até o fim de suas vidas”. Por fim, ele ressalta que com a coronalinguagem alguns assuntos foram jogados para debaixo do tapete, como “mudança climática”, “refugiados” e outros. Essa é uma consequência negativa, pois se passou a falar na criação de vacina para o coronavírus, esquecendo-se de que outras doenças (malária, sarampo, poliomielite etc.) precisam tanto de vacinas quanto a covid-19. A maioria das consequências do vírus é prejudicial aos humanos. No entanto, veremos que a presença dele teve algumas consequências positivas também, não apenas para animais, plantas e natureza inorgânica, mas também para os humanos.

3.1. Impactos no meio ambiente físico-natural: MA natural e MA construído

Começando pelo meio ambiente físico-natural, pode-se lembrar o que o criador da Linguística Ecológica e da ADE disse no capítulo “Desenvolvimento” do primeiro livro de Ecolinguística publicado no Brasil. De acordo com ele, antes da chegada do “progresso” ao Planalto Central, em torno de Brasília havia uma vida relativamente idílica, tranquila. Porém, a chegada do “progresso” trouxe inchaço de cidades, favelizações, poluição, violência etc. Isso já aponta para o fato de que quanto menos intervenção humana na natureza houver, melhor ela funciona, mais ela floresce (COUTO, 2007, p. 367-377). O que é mais, qualquer área já devastada por humanos começa a se regenerar assim que é abandonada por eles.

Na verdade, a presença do vírus tem se mostrado altamente benéfica para o meio ambiente físico-natural. Os efeitos na poluição da terra, do ar e das águas começaram a diminuir em várias partes do mundo. Com a diminuição da circulação de pessoas, alguns animais silvestres começaram a perambular pelas cidades, voltando ao que era deles antes da invasão e devastação humanas, fato reportado para a Austrália, a Índia, o Brasil e outras regiões do mundo.

Em geral, quando uma casa, cidade ou área construída é abandonada pelos humanos, a vegetação começa a retomar o espaço que lhe fora tirado. Todo lugar abandonado pelos humanos começa a enverdecer, encher-se de vida. Até o asfalto começa a ser coberto por limo, por musgo e, em pouco tempo, por plantas assim que os humanos deixam de passar por ele. A cidade de Machu Picchu (Peru) foi abandonada pelos incas, com o que o local foi coberto de vegetação nativa, pela floresta. Ela só foi “descoberta” em 1911. A área foi “limpa” e reconstruída para ser o que existe hoje. A cidade dos khmer, região do Camboja, teve uma grande população durante a Idade Média, mas, como foi abandonada, encontra-se coberta pela floresta. Algo parecido aconteceu com monumentos maias.

Das construções dos europeus e descendentes não há muitos exemplos porque nossa cultura devasta de forma irreversível. Mas, mesmo nesse caso há alguns exemplos. Velho Airão, por exemplo, foi uma das mais importantes vilas do médio Rio Negro, fundada em 1694, no Estado do Amazonas. Devido à produção de borracha ela floresceu até o início da II Guerra Mundial, quando os ingleses passaram a comprar látex da Malásia. Hoje é uma cidade abandonada, coberta pela floresta, ou seja, a floresta retomou o que lhe havia sido retirado.

Imagens de satélite da NASA mostraram uma sensível queda de poluição no norte da China, região de Beijing, devido à desaceleração das atividades econômicas, que provocaram um nível decrescente de dióxido de nitrogênio (BBC New Brasil, 01/03/2020). Os famosos canais de Veneza estão com água limpa. As águas da Baía da Guanabara também se mostram muito mais limpas do que antes da pandemia.

No meio ambiente construído, temos praias, ruas, praças e estradas mais tranquilas, sem grandes engarrafamentos. Por isso, estão muito mais agradáveis, tanto que animais silvestres começaram a perambular por elas. Como lembrou Arne Naess, para o filósofo também norueguês Peter Wessel Zapffe, “o homem é o maior ser trágico porque aprendeu o suficiente sobre a terra para se dar conta de que ela estaria melhor sem a humanidade” (NAESS, 1989, p. 37, nota de rodapé).

Como se vê, não há tantos motivos assim para o antropocentrismo, mas, sim, para que assumamos o biocentrismo e o ecocentrismo, propugnados pela Ecologia Profunda e pela ADE. Vale dizer, incluir a vida humana no contexto maior da vida (vegetal e animal) na face da terra. O ecocentrismo inclui até mesmo a natureza inorgânica, pois, sem um território não há ecossistema. Este assunto

ECO-REBEL

será retomado na seção 4, na qual veremos o que disse Christopher Manes sobre o impacto dos humanos e de outras espécies sobre a vida em geral na face da terra.

3.2. Impacto no meio ambiente social

O vírus é democrático, não discrimina ninguém, talvez “preferindo” quem já tem comorbidades. Com ele não há “foro privilegiado”. Muitos que o têm na política foram testados positivos para a covid-19 e muitos deles morreram. Tanto que se pode dizer que todos são iguais perante o coronavírus, embora sejam escandalosamente desiguais perante a lei. É bem verdade que uma certa igualdade esteja estatuída na Constituição de 1988, mas a existência dos “privilegiados” desmente tudo que lá está.

=>Da perspectiva da vida em sociedade, o vírus trouxe duas coisas opostas: por um lado, levou as pessoas a evitarem viagens e contato com pessoas próximas ou distantes; por outro lado, levou a muitos contatos virtuais de pessoas não só próximas espacialmente umas das outras mas também entre pessoas que se encontram em pontos distantes do globo terrestre. Ele está contribuindo com o processo de globalização, mostrando que o mundo inteiro está interconectado virtualmente. Ele nos fez ver que estamos todos no mesmo barco chamado Gaia. Pobres e ricos estão todos dentro. O vírus começou pelos ricos (que podem viajar para o estrangeiro), mas logo em seguida começou a atingir os pobres, que têm muito menos chances de se defender, sobretudo nas situações em que há muita gente em pouco espaço doméstico, gente que tem que usar transporte coletivo, com veículos apinhados de passageiros etc. Entre os ricos e poderosos afetados podemos começar pelo primeiro-ministro britânico Boris Johnson e sua Secretária de Saúde Nadine Dorries. No Irã, vários membros do Parlamento testaram positivo para o vírus. Dois deles morreram: Fatemeh Rahbar e Mohammad Ali Ramezani. Até o aiatolá Hashem Bathaie Golpayenagi veio a óbito. Na França, pelo menos 12 pessoas da cúpula do governo foram afetadas; na Espanha, umas cinco. O príncipe Albert de Mônaco também foi afetado. No Canadá, Justin Trudeau se autoisolou quando sua esposa contraiu a covid-19.

O Brasil não ficou atrás, como é o caso do presidente do Senado, Davi Alcolumbre, do chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, Augusto Heleno, do Porta-Voz da Presidência, Otávio do Rego Barros, o prefeito de São Paulo, Bruno Covas, e de vários governadores, entre eles o do Pará, Helder Barbalho, e muitas outras autoridades e personalidades famosas, como o prefeito eleito de Goiânia, Maguito Vilela, que morreu sem exercer o cargo. Médicos e até uma figura proeminente na pesquisa sobre saúde como Davi Uip foram acometidos pelo vírus. Houve muitos outros, no Brasil e no exterior, antes, durante e após o espaço de tempo aqui considerado (ver Quadro na seção 2). Até mesmo alguns grupos ameríndios foram atingidos. De meados para o final de junho de 2020, 213 ameríndios já haviam sido contaminados e dois morrido, caso dos líderes Paulinho Paiakan (kaiapó), da aldeia Aukre de Redenção, Pará, e Domingos Mahoro (xavante), de Mato Grosso. Menos de um mês depois (02/07/20) APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) mostram que 10.341 ameríndios já estavam infectados.

O vírus forçou uma mudança em todos os níveis da sociedade: na economia, nas interações sociais e em várias outras situações. Na economia, começou a haver uma enorme retração, com firmas fechando, algumas falindo, muita gente perdendo o emprego. No período pós-pandemia, prevê-se uma recessão de cerca de 6% no mundo 7,4% no Brasil. Se for necessário retomar os confinamentos, a retração pode ser de 7,6% em nível global e 9,1% no Brasil. Mas, pelo menos

em nível micro houve, e está havendo, um florescimento dos serviços de entrega. Certamente é o período em que há mais trabalho para motoqueiros entregadores.

Algumas mudanças na interação social são negativas, ruins da perspectiva humana. Devido ao perigo do contágio, nossa relação com a morte mudou. Em muitas situações mais críticas, muitos mortos são enterrados sem velório nem cerimônia de enterro com a família e amigos. Os mortos são enterrados em vala comum e cobertos com terra por tratores.

As formas de cumprimentar, tão acaloradas entre nós brasileiros, tiveram que ser mais distanciadas, sem contato. Gostávamos não só de aperto de mão, mas de abraços, beijos no rosto etc. Tudo isso teve que ser deixado de lado, quando muito substituído por contato pelos cotovelos, pela mão fechada ou pelos pés, ou simplesmente por nenhum contato.

Houve também mudanças positivas em nossas interações sociais. O vírus nos fez parar e pensar um pouco mais na vida. Na verdade, o confinamento devido ao vírus tem uma dupla face. Se as pessoas se isolam das demais que estão lá fora, unem-se mais dentro de casa. Pais que nunca tinham tempo para ficar com os filhos, com o isolamento social passaram a conviver com eles intensamente. Se não é possível fazer apresentações musicais ao vivo para grandes plateias, passou-se a fazê-las em *lives*, em que se pode ter músicos de diferentes cidades e até de diferentes países apresentando um concerto. Vídeo-conferências já as havia antes; participação em eventos distantes, *in absentia*, tampouco era novidade, como se pode ver em Jacobs et al. (2018). Até votações no Congresso Nacional e em outras instituições têm sido feitas por esse processo. Enfim, em muitos casos não é necessário o funcionário se deslocar à empresa em que trabalha. Pode desempenhar sua função com *home work*, no *home office*.

Em suma, o SARS-CoV-2 (coronavírus, covid-19) está tendo um impacto devastador apenas na sociedade. Para a natureza ele está sendo até certo ponto benéfico, pois está fazendo com que o maior devastador da história da terra tenha que se recolher um pouco. Esse recolhimento tem permitido o florescimento de muitos aspectos do meio ambiente natural que vem fenecendo desde que os humanos começaram a pôr em prática o que Francis Bacon (1561-1626) apregoou, o domínio sobre a natureza.

3.3. Impacto no meio ambiente mental

Até aqui só falamos da dimensão natural e da social das pessoas. Porém, temos também uma vida psíquica, um ecossistema mental, que se localiza entre o natural e o social, funcionando como um elo entre eles. Pois bem, o aspecto mental é altamente afetado, tanto por fatores naturais quando por fatores sociais, ou por falta deles. Tem havido conflitos de pessoas em confinamento, ansiedade e até surtos de descontrole emocional. As pessoas se sentem entediadas, deprimidas, estressadas, agressivas.

Uma categoria muito importante na Linguística Ecológica é a comunhão, interação basicamente mental. Como sabemos, ela frequentemente se dá entre pessoas juntas em determinado espaço. Pois bem, a presença da covid-19 nos mostrou que é possível entrar em comunhão à distância. As vídeo-conferências, as *lives*, os bate-papos pelo WhatsApp, tudo isso de alguma forma junta pessoas mentalmente, embora possam estar a milhares de quilômetros uma da outra. Sobretudo as trocas de mensagens em membros de grupos do WhatsApp que, na verdade já existiam antes do coronavírus, revelam que as pessoas estão afinadas mentalmente, ou seja, estão em comunhão. E aqui temos uma novidade para a Linguística Ecológica em geral, não apenas

para a ADE: contrariamente ao que dá a entender a literatura sobre o assunto, pode haver comunhão sem que os participantes estejam espaço-temporalmente juntos. Há comunhão à distância, embora a comunhão prototípica continue sendo a que se dá entre pessoas juntas em determinado lugar.

Enfim, a maior parte das consequências do confinamento na vida mental das pessoas por causa do coronavírus é negativa. Elas se sentem enclausuradas, tolhidas em sua liberdade de ir e vir, de encontrar amigos, enfim, se divertir. Como dizem os psicólogos e psiquiatras, “essa situação provoca medo, relativo ao perigo iminente de contágio, e ansiedade, que é a antecipação dos riscos”, como disse epidemiólogo psiquiátrico Jair de Jesus Mari. “A reação ao estresse difere de pessoa para pessoa”, mas sempre existe. Sente-se perda de liberdade, preocupação com as perdas econômicas, sentimentos de raiva, tédio, solidão e desamparo. Há um grande medo sobre as perspectivas, ou falta delas (para discussão sobre medo, ver Fernandes (*este volume*)).

Há também algumas “vantagens”, se é que se pode falar assim. As pessoas são forçadas a voltarem para dentro de si. No entanto, nossa sociedade consumista-capitalista nos levou a ter medo da solidão e do silêncio. Muita gente sente verdadeiro pânico se se veem sós. Outras não suportam o silêncio. Mas, há aquelas que amam as duas coisas: gostam de ficar sós e de silêncio, e não são apenas aquelas ligadas às meditações do misticismo oriental.

Enfim, a presença do coronavírus transformou nossa vida em todas as suas dimensões, como a natural, a mental e a social.

4. O coronavírus visto pela ADE

O objetivo principal da ADE é a defesa da vida, sem adjetivações, defesa que inclui a luta contra o sofrimento evitável. Ela está preocupada com a vida de todos os seres, rechaçando o antropocentrismo. Assim sendo, não deveria ela defender a vida do vírus também, uma vez que ele é um ser vivo? Realmente, a presença do vírus nos faz pensar na questão da vida e da morte (que faz parte da vida e do sofrimento), o busfúlis da proposta da Análise do Discurso Ecológica. É importante notar que nem tudo são flores na natureza. Há também os cardos, os espinhos, as tempestades, os raios, os terremotos, os vulcões, os furacões, os tornados, os animais ferozes e peçonhentos. Entre os seres vivos, existe a cadeia trófica; nela um ser vivo pode ser alimento para outros. Em termos ecológicos, as interações entre os seres da natureza podem ser harmônicas ou desarmônicas. Os seres humanos não são exceção, embora tenham o privilégio de estar no topo da cadeia alimentar e ter o poder de estar por sobre todos os demais. Não é nenhum crime se alimentar de produtos animais. Há um equívoco entre os veganos de que o natural seria o vegetarianismo radical. Os felinos são todos carnívoros. A Ecologia mostra que isso existe para manter a homeostase do ecossistema, mantê-lo em equilíbrio. Aí surge um problema: o vírus, no caso o coronavírus, só vive, sobrevive e se prolifera em células humanas. Ele se “alimenta” de humanos. Portanto, como qualquer ser animal, também os seres animais humanos têm direito de se defender contra a morte provocada pela covid-19, o sofrimento máximo que pode acometer qualquer ser vivo.

Nós temos uma visão de mundo altamente antropocêntrica, desde pelo menos os gregos. O filósofo sofista Protágoras (480-410a.C.) já dizia que “o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são” (MARITAIN, 1959, p. 41). Cerca de dois mil anos mais tarde, Francis Bacon (1561-1626) defendeu o *imperium hominis* (império do homem)

ECO-REBEL

sobre o mundo porque, de acordo com ele, a natureza está aí para ser dominada, mediante o uso do método indutivo da ciência. O mesmo fizeram muitos outros pensadores antes e depois dele, como na época do Mercantilismo (séc. XV ao XVIII) e na do Iluminismo (segunda metade do séc. XVIII), quando as teorias de base exclusivamente física e mecânica começaram a ceder lugar ao estudo dos seres vivos. Isso levou ao surgimento da Biologia e, um pouco depois, da Ecologia.

Para mostrar que não somos tão superiores assim às demais formas de vida, Christopher Manes lembra que “Darwin convidou nossa cultura a enfrentar o fato de que observando a natureza não notamos nem um fiapo de evidência de que os humanos sejam superiores ou mais interessantes do que, digamos, o líquen” (MANES, 1996, p. 22). Em outra passagem, ele afirma que “se os fungos, uma das formas ‘mais baixas’ na escala de valores humanísticos, se extinguirem amanhã, o efeito no restante da biosfera será catastrófico, uma vez que a saúde das florestas depende do fungo micorrizo; o desaparecimento das florestas descontrolaria a hidrologia, a atmosfera e a temperatura de todo o globo. Ao contrário, se o *homo sapiens* desaparecer, o fato sequer será notado pela esmagadora maioria das formas de vida na face da terra” (MANES, 1996, p. 24).

Essa pertinente constatação de Manes merece um reparo. Na verdade, “a esmagadora maioria das formas de vida na face da terra” notaria sim a ausência dos humanos. A vida dos demais seres vivos (vegetais e animais) floresceria com toda a luxúria que lhes é característica. Tanto que, como vimos acima, qualquer lugar abandonado pelos humanos começa a enverdecer, a reviver e a recuperar toda a exuberância destruída por eles. Portanto, o de que Manes fala não é misantropia. Como disse Arne Naess algures, trata-se de incluir a vida dos humanos no contexto maior da vida na face da terra, de adotar a posição da biofilia e da ecofilia. Estas duas não excluem os humanos. Pelo contrário, adotá-las, ou seja, adotar o ponto de vista do ecocentrismo e do biocentrismo, significa incluir os demais seres vivos na defesa da vida humana. O antropocentrismo, ao contrário, exclui todos os demais seres, todos os que não sejam humanos.

Arne Naess deu um exemplo incisivo e cristalino de como valorizar o todo não significa desvalorizar a parte. Ele disse que “se compararmos ‘não mate’ com ‘não mate sua mãe’, a primeira asserção tem prioridade lógica porque dela podemos derivar a segunda, mas não o contrário”. Naess continua afirmando que “a segunda tem prioridade lógica”, mas “se alguém que aceita a primeira é tentado a matar seu cachorro ou sua mãe a situação fica bem clara” (NAESS, 1989, p. 75).

Esta é a postura da Ecologia Profunda, uma das fontes de inspiração da ADE. É por isso que a Linguística Ecosistêmica, de que ela faz parte, prefere falar em ‘interação comunicativa’ em vez de simplesmente ‘comunicação’. Para alguns linguistas antropocêntricos, comunicação propriamente dita é apenas a que se faz linguisticamente. Mas, para a ADE e todas as fontes em que ela se abeberou, comunicação é apenas mais um tipo de interação, que se dá não apenas no nível social, superorgânico, mas também no orgânico e no inorgânico (COUTO, 2009, p. 33-47). Bactérias, fungos e vírus também são seres vivos, por mais que o último, como o coronavírus, por exemplo, possa ser prejudicial aos humanos (SEBEOK, 1978). Por isso, interagem também, como se pode ver em Westerhoff et al. (2014). Na escala da vida como um todo, não há nenhum problema nisso. Aliás, a vida dos humanos depende da das demais espécies, vegetais e animais. Desaparecendo estas duas, desaparece também a espécie humana.

Sabemos que o núcleo da língua para a Linguística Ecosistêmica e para a ADE são as regras interacionais e os atos de interação comunicativa nelas baseados. Pois bem, nesse aspecto a pandemia provocou grandes mudanças. As pessoas no Brasil são muito efusivas tanto nas

saudações e cumprimentos quanto nas despedidas. Isso é feito com apertos de mão, abraços, beijos etc. Já vimos que a presença do vírus obrigou as pessoas a evitarem tudo isso. Quando muito se dá a mão fechada ao outro, que responde da mesma forma. Às vezes se tocam pelos cotovelos. Pode acontecer até de se cumprimentarem à distância, apenas fazendo uma medida, pendendo o corpo para a frente. Enfim, a pandemia afetou drasticamente a ecologia da interação comunicativa.

5. Observações finais

Um popular de Fortaleza disse em uma entrevista na rua: “É hora de todos se unirem a favor da vida” (TV Globo, 29/04/2020, 14h40min). O jornalista Marcelo Tas, por seu turno, afirmou: “Isso é um tapa na cara”, ou seja, ver os pobres diante do dilema ‘proteger-se do coronavírus ou morrer de fome’. Mas, será que levará a uma conscientização da classe média sobre o drama dos pobres? O fato é que o ano de 2020 e pelo menos até meados do de 2021 serão de triste memória, uma espécie de hiato que vai ficar na história, em termos da dinâmica da vida.

A pandemia do coronavírus, com a covid-19, mudou muita coisa no mundo, no nível natural, no mental e no social. Algumas mudanças foram para melhor, sobretudo as que se deram na natureza. Nas dimensões mental e social nem tanto. A maior parte das mudanças foram para pior, pelo menos da perspectiva dos humanos. A coisa chegou a tal ponto que até o Papa Francisco (2020) se preocupou com o mundo pós-pandemia. Na verdade, ele publicou um livro exatamente com esse nome, *La vita dopo la pandemia*. Mas, ele enfatiza as mudanças positivas, atitude típica de um verdadeiro religioso. No que tange à Ecolinguística, sobretudo a Análise do Discurso Ecosistêmica, a irrupção e resiliência do vírus fornece amplo material para pesquisa. A presença do vírus nos faz repensar o valor da vida, o que é vida, se os humanos têm algum privilégio na vida na face da terra e assim por diante.

Referências

- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- _____. *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.
- FILL, Alwin. *The language impact – Evolution – System – Discourse*. Londres: Equinox, 2010.
- _____. Newspeak as Coronaspeak 2020. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 4, 2020. Disponível em: www.xxx.xxx.sss.ddd
- JACOBS, George M.; TAN, Hui Shan; THE, Jie Xin. The acceptance of virtual presentations at international conferences on education. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, 2018, p. 49-64. <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12360/10831>
- MANES, Christopher. Nature and silence. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (orgs.). *Ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens: The University of Georgia Press, 1996, p. 15-29.
- NAESS, Arne. *Ecology, Community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- PAPA FRANCISCO. *A vida após a pandemia*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.
- PRIVAT, Edmond. *Vie de Gandhi*. Paris: Denoël, 1958.

ECO-REBEL

SEBEOK, Thomas. *The sign and its masters*. Austin: University of Texas Press, 1978.
WESTERHOFF, Hans V. et al. Molecular networks and intelligence in microorganisms. *Frontiers in microbiology* v. 5, 2014, p. 1-17 (são nove autores).

Aceito em 21 de janeiro de 2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.